

Sobreviver durante o isolamento exige criatividade dos atores

Companhias de teatro tiveram que se reinventar; apresentações ao público continuam suspensas

Por Oriana Suprizzi

Definido pelos próprios artistas como a arte do encontro, o teatro foi um dos primeiros segmentos a interromper suas atividades durante a pandemia do novo coronavírus e, de acordo com plano de reabertura econômica proposto pelo Estado de São Paulo, será um dos últimos a retornar. Diversos espetáculos que já estavam prestes a estreiar tiveram que ser interrompidos. Sem bilheteria, grupos de teatro enfrentam dificuldades financeiras e precisam se reinventar.

Para Paula Guerreiro, atriz do grupo de teatro campineiro Os Geraldos, um dos piores impactos sofridos pelos artistas na pandemia é a indefinição no planejamento de trabalho. O grupo trabalhava há meses nos ensaios do espetáculo *Cordel do Amor Sem Fim*, que é dirigido por Gabriel Villela, um dos renomados nomes do teatro brasileiro. Segundo ela, o projeto já havia sido aprovado para receber patrocínio do Sesi quando, as vésperas da estreia, precisou ser interrompido.

“Cerca de seis meses antes da estreia, já estamos estudando e ensaiando a peça. São seis meses de planejamento para chegar naquele mês e poder estreiar”, afirma Ítalo Jonas, da Cia de Teatro Kokelinha. O grupo também estava com o espetáculo *Os feijões mágicos de João*, planejado para estreiar em maio quando viu seus planos serem adiados, sem previsão de retorno, em função da crise provocada no país pela pandemia.

O Barracão Teatro, grupo campineiro formado desde 1998, também sofreu severos impactos ao precisar cancelar toda a programação de trabalho que foi produzida e planejada desde o ano passado. Segundo Cadu Ramos, ator do grupo, a estreia dos espetáculos envolve não só a criação, montagem e ensaio das peças, mas também todo um processo de negociação e inscrição em festivais e editais, para viabilizar a circulação dos espetáculos produzidos.

Cadu Ramos ressalta também que outro importante impacto sofrido pelo teatro durante o isolamento social está na falta de contato social com o público, a impossibilidade do encontro e do diálogo presentes no teatro dificultam a sua existência. “As artes cênicas partem da necessidade de estar uma pessoa diante da outra, porque na verdade o espectador é mais do que um espectador, ele é um cúmplice do acontecimento cênico”, diz.

A Reinvenção

Diante de tantos impactos e perdas, os grupos teatrais viram-se diante da necessidade de se reinventar para poderem se manter vivos, mesmo longe do palco. Segundo Paula Guerreiro, Os Geraldos precisaram investir em uma

nova forma de manter o Teatro de Arte e Ofício (TAO), administrado pelo grupo desde 2017, mesmo de portas fechadas. O grupo criou a campanha “Ingresso Solidário do TAO”, que aceita arrecadações em qualquer valor, disponibilizando ingressos para futuras apresentações como recompensa para cotas acima de R\$ 25,00. Os ingressos terão validade de um ano e poderão ser utilizados em qualquer espetáculo do grupo.

Além disso, de acordo com a atriz, Os Geraldos também tiveram que adaptar a mostra de teatro realizada anualmente para o ambiente virtual. *A Mostra Virtual Geral do Teatro – Memórias do Presente* abriu as inscrições por meio de um edital, para que grupos de teatro, dança e outros gêneros relacionados às artes presenciais pudessem adicionar vídeos de seus espetáculos e oficinas.

Após a curadoria do grupo, foram escolhidas doze companhias que terão seus trabalhos divulgados de 27 a 31 de maio, através da disponibilização de um link. Segundo Paula, os links estarão disponíveis por no máximo cinco dias, como uma alusão à efemeridade do evento teatral.

A mostra virtual, na opinião de Paula, tem a vantagem de atingir mais público, uma vez que a internet torna possível que pessoas dos mais diversos lugares do Brasil consigam ter acesso aos espetáculos e oficinas. Além disso, ela também funcionará como meio de divulgação das produções artísticas dos grupos.

Entretanto, a questão do teatro filmado, apesar de ser uma possibilidade de apresentação dos espetáculos durante o isolamento social, também envolve uma questão polêmica. Por depender muito da presença dos espectadores, que possuem papel fundamental na construção da linguagem teatral, segundo os próprios atores entrevistados, o teatro filmado não é exatamente teatro. Ao passo que também não é possível que se enquadre nas produções audiovisuais, como o cinema.

O Barracão Teatro passou a investir ainda mais nos recursos disponíveis para manter e divulgar seu trabalho. Segundo Cadu Ramos, o grupo intensificou o uso das redes sociais e das plataformas virtuais de comunicação para que fosse possível reinventar a expressão artística e teatral dentro dos meios virtuais, ou seja, através de novas ferramentas. Visto que, anteriormente, o ambiente virtual era utilizado majoritariamente como meio de divulgação e de comunicação, mas não como um instrumento da expressão cênica.

Através da divulgação semanal de espetáculos teatrais realizados pelo grupo, por meio das redes sociais do Barracão Teatro, tornou-se possível manter uma relação à distância com o público. O grupo intercala as exibições das peças com lives, realizadas através do Instagram, que proporcionam um diálogo entre os espectadores e os artistas e diretores que fizeram parte da produção exibida.

No entanto, segundo Cadu Ramos, essa nova forma de divulgação trouxe também algumas dificuldades no que diz respeito a questão técnica, que

envolve desde a necessidade de diversos equipamentos até o próprio uso das ferramentas e plataformas necessárias para viabilizar as exposições.

Já a Cia de Teatro Kokelinha, que já trabalhava com a contação de histórias, decidiu adaptar o formato também para o ambiente virtual, conta Ítalo Jonas. A cada semana um dos atores da companhia grava a contação de uma das histórias, o vídeo, após edição e ilustração com animações realizadas por eles, é divulgado nas redes sociais do grupo.

As adaptações que precisaram ser pensadas às pressas configuram o maior desafio enfrentado pelo teatro hoje: a sobrevivência. É necessário reinventar para conseguir sobreviver. “Tudo isso que estamos fazendo hoje é para manter espaços abertos e grupos em funcionamento, para que esse período de isolamento não leve ao fim inúmeros projetos culturais que dependem exclusivamente da presença, o que a internet jamais vai ser capaz de resolver”, finaliza Paula Guerreiro.